

OS DILEMAS DO VIR, PERMANECER, RETORNAR: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO

LOS DILEMAS DEL VIR, PERMANECER, RETORNAR: una lectura de los trabajadores nordestinos en Pires do Rio-GO

Fábio de Macedo Tristão Barbosa¹(UEG)

Gilmar Alves de Avelar²(UFG)

Paulo Vitor Divino dos Santos³(UEG)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca dos motivos pelos quais, historicamente, trabalhadores nordestinos movimentam-se pelo território nacional em busca de melhores condições de vida. Esta mobilidade do trabalho, impulsionada pelo capital, permitiu o espalhamento da força de trabalho nordestina Brasil afora, inclusive para a cidade de Pires do Rio, no interior do Estado de Goiás. Fixam ali seus corpos de trabalho, mas sempre desejam o retorno à terra natal, vivendo o dilema de vir, permanecer e retornar. Por isso, por meio do uso de entrevistas como recurso metodológico junto a alguns trabalhadores nordestinos, propomos reconstituir o universo da mobilidade do trabalho no Brasil, tomando como recorte espacial a referida cidade goiana.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Mobilidade do Trabalho. Trabalhadores. Migração. Território.

RESUMEN: *El presente artículo tiene como objetivo presentar una reflexión acerca de los motivos por los cuales, históricamente, trabajadores nordestinos se mueven por el territorio nacional en busca de mejores condiciones de vida. Esta movilidad del trabajo, impulsada por el capital, permitió el esparcimiento de la fuerza de trabajo nordestina Brasil hacia fuera, incluso para la ciudad de Pires do Rio, en el interior del Estado de Goiás. Fijan allí sus cuerpos de trabajo, pero siempre desean el retorno a la tierra. De la vida, de la vida y de la vida. Por eso, a través del uso de entrevistas como recurso metodológico junto a algunos trabajadores nordestinos, proponemos reconstituir el universo de la movilidad del trabajo en Brasil, tomando como recorte espacial la referida ciudad goiana.*

PALABRAS-CLAVE: *Geografía. Movilidad del trabajo. Trabajadores. Migración. Territorio.*

¹ Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Pires do Rio, Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. E-mail: fabio.de.macedo@gmail.com

² Professor do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional de Catalão, Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil. E-mail: g.avelar@uol.com.br

³ Especialista em Formação Docente Interdisciplinar: diversidades goianas, e Licenciado em Geografia, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Pires do Rio, Goiás, Brasil. E-mail: paulovitor_pvs@hotmail.com

Introdução

Este artigo propõe discutir a temática da mobilidade do trabalho no Brasil, tomando como referência a migração de trabalhadores nordestinos para a cidade de Pires do Rio (GO) e os dilemas envolvidos neste processo de sair da terra natal, ir e permanecer em outro lugar diferente do seu, mas com o desejo latente de retornar às origens. É esta busca pelo “eldorado”, o vislumbrar no horizonte possibilidades de melhores condições de vida, uma existência menos penosa e mais digna, com um pouco mais de conforto e bem-estar, que grandes massas de trabalhadores nordestinos, geralmente pobres e de baixa qualificação profissional, a aventurarem-se noutros rincões Brasil afóra.

É secular o movimento migratório de trabalhadores nordestinos para outras regiões do Brasil, seja para fugir da seca ou da estagnação econômica. Ainda no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, muitos trabalhadores deixaram o Nordeste rumo à Amazônia para trabalhar na extração do látex. Este conhecido como o primeiro ciclo da borracha, matéria prima importante para alimentar a revolução industrial que se desenvolvia na Europa. Entre 1942 e 1945, período da segunda guerra mundial, ocorre o segundo ciclo da borracha na Amazônia, o que atrai novamente os braços dos trabalhadores da região Nordeste do Brasil.

Nos anos 1950-60, a construção e transferência da nova capital federal para a região Centro-Oeste do Brasil põe novamente a movimentação de milhares de homens nordestinos à procura de trabalho no canteiro de obras. Não demora a surgir um amontoado de centenas de barracos de madeira sem qualquer serviço básico de infraestrutura. A cidade caótica dos trabalhadores precede a construção da cidade planejada de Brasília e foi denominada de “Candangolândia”.

Nas décadas de 1960-70, com o *boom* do processo de industrialização do Sudeste brasileiro e a modernização do campo, ocorre uma verdadeira explosão do processo de urbanização e concentração populacional nas grandes cidades nesta região. Este processo atraiu dezenas de milhares de trabalhadores do Nordeste para as metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo, os quais, principalmente, vão compor o grosso da mão de obra industrial do ABCD paulista. A crise da década de 1980 refreia este movimento migratório Nordeste-Sudeste.

Em relação à mobilidade do trabalho e dos trabalhadores nordestinos rumo ao Estado de Goiás, se comparado aos processos citados anteriormente, foi de pouca monta. Menciona-se que esta migração se deu em decorrência da construção de Goiânia nas décadas de 1930-40 e é mais reduzida quando o recorte espacial é o Sul e Sudeste goianos, colonizados predominantemente por paulistas e mineiros. No entanto, salienta-se que a ferrovia faz virem vários nordestinos para Goiás. Recentemente, temos assistido a chegada de trabalhadores nordestinos na região Sudeste de Goiás, especificamente, na cidade de Pires do Rio (GO), objeto deste estudo.

Na cidade de Pires do Rio (GO) este fenômeno está em pleno processo, visto que a cidade recebeu um relativo contingente de migrantes nordestinos para servir de mão-de-obra nas indústrias locais, como Nutriza e Olvego. Provavelmente, vieram para a cidade na busca pelo “inalcançável eldorado”, um fenômeno atual que deve ser motivo de discussão. Tal fato deu-se por pensar que existia no Estado de Goiás, o qual se desenvolveu muito nas últimas décadas em função da modernização da indústria e do território (construção de barragens) goiano, vagas de trabalho suficientes para suprir o aumento da demanda de várias famílias de trabalhadores migrantes nordestinos.

Observamos um número significativo de migrantes nordestinos compondo o quadro de funcionários das indústrias locais supracitadas. No entanto, estima-se que por conta da recessão econômica que atravessa o país e seus efeitos negativos na agroindústria nacional e conseqüentemente local, já que os migrantes relatam que as indústrias não estão contratando, o crescimento do movimento de retorno de várias famílias, ou para suas cidades de origem, ou deslocam para outras regiões do Brasil. Isto é, os dilemas destes trabalhadores, a tríade: vir, permanecer, retornar aqui se repete.

Assim, o desejo de realizar a presente proposta de pesquisa nasceu da vontade de entender quais os motivos impulsionam os migrantes nordestinos para a cidade de Pires do Rio (GO) e quais fatores conduzem-nos a se locomoverem para outros locais, em que o capital esteja sendo investido. Para tanto, a metodologia utilizada será qualitativa, pautada pela história oral. A área de pesquisa será delimitada a partir de entrevistas realizadas com os trabalhadores nordestinos, que trabalham na Nutriza, bem como os que ficaram desempregados e desejam deixar a cidade e retornar para a terra natal. Desta forma, refletir sobre esse fenômeno de mobilidade do trabalho e contribuir para novos estudos em torno da

geografia humana, além de representar uma forma de investigação sobre as consequências da crise e do desemprego para as famílias de migrantes.

1 Território e Mobilidade do Trabalho

A migração é parte constituinte da história humana, desde os primórdios da civilização até as sociedades modernas, mas nunca ganhou tanto relevo e importância quanto na sociedade capitalista vigente, que tornou a mobilidade parte fundamental do cotidiano de populações em busca de trabalho. O preço da força de trabalho possui diferenças espaciais, pois dependendo do lugar em que se está este preço pode variar para cima ou para baixo. Tal fato permite ao capital manobrar espacialmente o trabalho com a finalidade de reduzir custos de produção e aumentar sua acumulação.

Sabe-se que no sistema capitalista a força de trabalho é a única mercadoria que o trabalhador dispõe para vender no mercado. É esta mercadoria especial que produz coisas úteis, mercadorias e transforma o dinheiro em capital. Todavia, para isso, o trabalhador deve ser livre de qualquer propriedade, a não ser sua capacidade de trabalho, já que ela é indispensável à reprodução do valor.

Gaudemar (1977) demonstra que a força de trabalho tende a ter a papel específico em cada ramo do sistema produtivo, pois cada atividade tem uma força de trabalho especializada em sua execução. Entretanto, a mobilidade do capital é indiferente à natureza do processo de trabalho que o sistema produtivo se apropria, exigindo a mesma mobilidade ao trabalhador que o capital dispõe. Assim, vemos que quanto maior o desenvolvimento técnico das sociedades, maior será a mobilidade da força de trabalho em seu território, pois sistemas modernos de transporte e comunicação permitem maior fluidez à força de trabalho que se desloca em busca de emprego.

Raffestin (1993) salienta que no cotidiano das migrações internas dos países ocidentais, o principal fator responsável pela mobilidade do trabalho são os investimentos das empresas. Elas levam capital a determinada área; e suas estratégias de mercado são as principais determinantes destes deslocamentos, mesmo quando as populações não aceitam bem, ou tem alguma resistência. Esse fenômeno vem reforçado com os grandes fluxos de investimentos das empresas multinacionais, que veem nas regiões suportes necessários e

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

temporários para suas atividades, salientando que a força de trabalho é menos móvel que o capital e a tecnologia.

Nota-se, portanto, que a mobilidade da força de trabalho acompanha *pari passu* o capital das grandes empresas e o processo de produção capitalista. Isso porque o capitalismo se reproduz a partir da exploração da força de trabalho e, por sua vez, esse modo de produção só poderia se sustentar se o trabalhador tivesse adquirido essa mobilidade, uma vez que a mobilidade e a força de trabalho são a gênese do capitalismo (GAUDEMAR, 1977).

Nesse contexto, as empresas que tem acesso e manipulam as informações privilegiadas têm papel de destaque sobre os fluxos migratórios das populações trabalhadoras. Por conta disto, estas empresas anteveem investimentos e/ou possuem grande capacidade de pressão e articulação junto aos agentes públicos – diga-se o Estado – na elaboração de políticas públicas de ordenamento territorial e desenvolvimento regional. O que acaba por atrair investimentos neste ou naquele local, interferindo na dinâmica do trabalho em movimento no território e na própria modernização territorial/regional.

As territorializações das empresas obedecem à volatilidade do mercado. Elas podem estar aqui hoje e num momento posterior fechar suas portas e territorializar-se em outro lugar. O fator determinante deste processo é possibilidade de maior ganho de capital. Porém, as populações que trabalham também perseguem este movimento, tanto o capital, quanto o trabalho fixa-se e se movimentam segundo as leis do mercado. O processo de des-territorialização é contínuo e simultâneo para ambos.

O território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; ideia e matéria; identidade e representações; apropriação, dominação e controle; descontinuidade; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade. (SAQUET, 2007, p.24)

Saquet (2007) reforça como a categoria geográfica território pode englobar vários aspectos na construção da sociedade, desde a cultura até às relações de poder. Além de ser bastante ampla essa área de estudo. De acordo com Raffestin (1993), o Estado e as empresas usam estratégias para facilitar e/ou restringir os movimentos populacionais. O Estado utiliza-se de sua ampla visão sobre o território o que lhe permite interferir, através de políticas públicas, na mobilidade do trabalho de um lado para o outro, cuja remuneração pode ser mais

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

vantajosa num, que noutra lugar. Já as empresas fazem um discurso mais personalizado, com interesses bem mais específicos, pois são mais incitadoras e determinantes. Haja vista que, a informação personalizada tem mais poder de levar à mobilidade populacional ou de não mobilidade, que a informação geral (RAFFESTIN, 1993).

Conforme Raffestin (1993), o território se formou a partir do espaço e foi conduzido por um ator sintagmático, pois, quando um ator se apropria de certo espaço, concreto ou abstrato, conseqüentemente ele o territorializa, pondo-o sob seu controle e domínio, estabelecendo relações de poder. Nessa perspectiva, o território torna-se um espaço em que se projetou um trabalho, por energia ou por informação, marcado pelo poder, cujo espaço tende a ser a prisão original e o território a prisão construída pelo homem (RASFFETIN, 1993). O citado autor ainda esclarece que o território se apoia no espaço, mas não é ele, sendo uma produção a partir dele.

Qualquer projeto estabelecido no espaço e expresso por uma representação revela uma imagem desejada de um território, como um local de relações. A territorialidade tem valor bem particular, porque reflete multidimensionalidade pelos membros de um coletivo e pela sociedade em geral. Neste sentido, o processo territorial e o produto territorial se fazem com o intermédio de um sistema de relações existenciais e produtivas.

A territorialidade é vista como sendo constituída de relações mediatizadas e simétricas ou dissimétricas com a exterioridade. Assim, é preciso abandonar as analogias animais e tratar mais da territorialidade humana, pois essa nos interessa tratar aqui, a qual se faz no quadro da produção e do trabalho em movimento (RASFFETIN, 1993).

Terra (2009) enfoca que o conceito de território é bastante amplo e pode ter várias interpretações na área científica, em que está inserido. Nos estudos geográficos, o termo território é empregado na materialidade deste e, nas ciências políticas, é mais relacionado ao poder e à concepção de Estado. Na economia é utilizado como um fator locacional ou uma base de produção, enquanto nos estudos da antropologia é trabalhado como uma dimensão simbólica das sociedades. Diferente da sociologia que caracteriza o termo território nas relações sociais, na psicologia é visto na perspectiva da identidade pessoal, individual. Portanto, percebemos como o termo território possui uma multiplicidade de acepções, formas variadas de concebê-lo em diferentes ramos da ciência.

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

O conceito de território adotado neste trabalho advém das formas como os agentes do poder estão tomando conta dos espaços e de suas relações sociais e de produção vigentes em cada época (TERRA, 2009). Tomamos como referência a perspectiva da geografia crítica de território, entendendo-o a partir das relações de poder nos termos de Raffestin (1993).

Ao conceituar o termo território é preciso considerar o seu contexto histórico e traçar um panorama a respeito da atualidade que aborda. O autor trata a categoria geográfica território como econômico, político, cultural e natural (TERRA, 2009), bem como jurídico, cujo termo é entendido como uma forma de controle pela ação do Estado, na forma cultural e de caráter simbólico na economia e pela força da globalização (HAESBAERT 2001; SPOSITO 2004).

A categoria geográfica território é trabalhada tanto na perspectiva materialista quanto idealista. Nesta é visto de forma mais simbólica, correlaciona-se aos sentimentos envolvidos no território, o sentido de pertencimento, afeto, cujos aspectos subjetivos ganham maior relevo; enquanto naquela abrange as concepções naturalista e econômico-político, pois não estão desvinculadas das relações sociais.

No território os processos de construção e desconstrução são cheios de relações de poder, domínio e demarcação de posse, tanto nos âmbitos políticos e econômicos, quanto de diferentes escalas, pois ele nasce a partir do espaço e das relações de indivíduos e de grupos (TERRA, 2009). Contudo, Marandola e Gallo (2009, p. 7) enfatizam que, quando um indivíduo se identifica com um território, ele passa a ser parte integrante dos círculos sociais e tende a compartilhar sentimentos coletivos, porque apresenta apego ao lugar. O território se torna para os grupos sociais microterritórios, os quais podem ser explicados como limitações de uma porção de espaço, onde o indivíduo exerce as práticas sociais e se identifica com as referências espaciais daquele grupo social determinado.

O trabalhador migrante que chega ao seu local de destino tende a recriar o seu território perdido, buscando características do lugar de origem, resignificando o local onde se encontra. Com isso, ele sente pertencer ao local, reconstituindo a ligação ao grupo-território, o qual dá suporte à manutenção da identidade e a sua forma de existir, servindo como mecanismo protetor da segurança existencial (MARANDOLA JR, 2008a).

Para Marandola e Gallo, (2009, p.8), o território do migrante procura abarcar as redes sociais de origem, atribuindo organização social própria ao local de destino, fazendo deste

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

um lugar mais familiar. Essa proximidade só é capaz, quando o indivíduo tem certa identidade com os lugares, em que procura estabelecer certa reciprocidade e mutualidade. Os autores ainda ressaltam que, as redes são as principais condutoras das relações de amizade e de uma origem comum entre os migrantes. Por causa da reciprocidade garantem que a rede torne uma troca de capital social entre os membros, ajudando os migrantes a terem um casulo protetor, para que possam enfrentar os perigos da sociedade local sobre eles. Nestas redes, os elementos principais são os familiares e amigos, os quais trazem segurança existencial e mantêm os laços com o migrante, uma vez que isso não ocorre com a população local.

Nas grandes metrópoles, o fenômeno das migrações espontâneas tornou-se um processo frequente e com decisão individual, em que novas redes sociais surgem e organizam estes migrantes no advento da globalização nas chamadas redes globais-metropolitanas. Estas por vezes padronizam o comportamento social do migrante, o qual tende a não se envolver ou mesmo socializar. Algumas destas redes são os grandes shoppings, redes de supermercados e de serviços similares, que diferentemente das redes sociais dos migrantes não precisam de uma dinâmica e nem conhecimento da cultura local.

Marandola e Gallo (2009, p11.) salientam que os movimentos migratórios não são apenas motivados por fatores econômicos. O processo da migração está direcionado à constituição da identidade territorial e a mobilidade é parte da história do ser humano na terra. Contudo, gera incerteza e tornou-se um paradigma para as ciências sociais, cujos estudos precisam avançar, tendo como perspectiva a incorporação de dimensões relacionadas ao respectivo fenômeno para saber suas consequências espaciais e existenciais.

Segundo Gemelli e Carvalhal (2011), a natureza é essencial para que exista qualquer sociedade e o homem nela trabalha para garantir sua sobrevivência. A terra é trabalhada e a natureza se transforma no segundo elemento do trabalho, pois antes de realizar qualquer atividade o ser humano idealiza o resultado dela para a acumulação de capital, pois para o capitalismo só tem duas condições: ou ser do meio de produção ou vender a força do trabalho (GEMELLI; CARVALHAL, 2001).

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

Tem que deixar de incorporar prioritariamente as necessidades humanas para atender prioritariamente às necessidades da reprodução do capital. O que equivale a dizer que abre um amplíssimo campo de antagonismos entre o que somos enquanto seres humanos concretos, historicamente determinados, e as possibilidades e necessidades de desenvolvimento do sistema do capital. Com a sua crise estrutural, o capital se torna uma força social crescentemente destrutiva – e o trabalho sob a regência do capital torna-se crescentemente alienado, desumano (LESSA, 2007, p.197).

A mobilidade do trabalho no capitalismo tem implicações diretas com o desemprego estrutural. A automação dos processos produtivos elimina postos de trabalho nos setores menos exigentes de qualificação. O trabalho braçal, que exige pouco saber técnico, tem sido paulatinamente substituído por maquinários de tecnologia avançada. Desta forma, ao lado do desemprego estrutural convive-se com a precarização do trabalho e o trabalho informal. Estes aspectos da realidade econômica capitalista intensificaram a mobilidade do trabalho no Brasil.

2 A Migração de Trabalhadores Nordestinos Como Expressão da Mobilidade do Trabalho no Território Nacional

A migração nordestina no Brasil foi um dos grandes fenômenos sociais da história moderna brasileira. Um dos principais motivos, para esse acontecimento, foi a mobilidade do trabalho, que levou milhares de famílias de trabalhadores nordestinos, sem perspectivas de vida ou flagelados pela seca, a se aventurarem pelas regiões do Brasil, onde o capital era investido a fim de buscar trabalho e serem inseridas no sistema capitalista.

De acordo com Santos (2006), o principal motivo para a migração no Brasil ainda é o mercado de trabalho. Por causa do capital, geram-se fluxos com o excedente de trabalhadores expulsos das regiões de origem e compelidos a buscar outros mercados de trabalho. No Brasil, a região Nordeste ainda é a maior fornecedora de mão de obra para a região Sudeste, o principal polo econômico do país. Ressalte-se que, nos anos de 1930, devido à pequena industrialização no Sudeste brasileiro, os movimentos migratórios do campo-cidade surgiram, sendo os trabalhadores atraídos pelas atividades que poderiam fazer nas indústrias, provocando o aumento do operariado e da burguesia nacional. Assim, a industrialização na rede de capital, a infraestrutura de transporte e elétrica fomentou o êxodo rural, provocando,

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

nos anos de 1930, um fluxo migratório em direção ao sudeste no eixo Rio/São Paulo (FARIA, 1983; CANO, 1985).

Com a construção de Brasília entre 1956-1960, a urbanização e as migrações internas se expandiram, tanto que a partir dos anos de 1980, o Brasil sofreu o processo de interiorização como alternativa para os migrantes. Deste modo, o Norte do Brasil começa a emergir como polo de atração para os migrantes, mais uma vez, posto que a migração para a região amazônica em seu fluxo mais antigo procede da mobilidade de trabalhadores nordestinos indo para o apogeu da extração da borracha e mais tarde atraída pela expansão das fronteiras agrícolas e colonização.

Muitos dos migrantes nordestinos, que foram para a região amazônica, eram cearenses flagelados pela seca e iam para ocupar os seringais, dedicando-se às atividades extrativistas. Atualmente, os nordestinos continuam sendo a maioria dos migrantes da região amazônica e o estado do Pará é ainda o maior receptor deles, os quais se dirigem para as zonas rurais e urbanas, cuja microrregião de Marabá recebe grande parte do contingente, especialmente em Tucuruí, onde reside a maioria (CAVALCANTE 2005).

A força de trabalho em direção à região amazônica deu-se por causa de uma propaganda voltada para a grande disponibilidade de terras para a agricultura e pela facilidade em adquiri-las. Daí deu-se o processo migratório tão significativo para a respectiva região, cujos migrantes procuram trabalho em áreas de extração de madeira, em garimpos com péssimas condições e no desmatamento para a formação de pastos.

A dinâmica da mobilidade do trabalho nessa região está incorporada em grandes projetos econômicos, com destaque para a usina hidrelétrica de Tucuruí, situada no Pará, cuja construção a partir da década de 1970 modificou o modo de vida e sobrevivência das populações que viviam a partir de atividades ligadas ao setor extrativista, destacando-se a castanha do Pará. Se antes a economia era decadente, agora foi substituída pela geração de energia, construção de estradas e de aeroportos.

O município de Tucuruí no estado do Pará, segundo Cavalcante (2005), contava com uma população de aproximadamente 40 mil pessoas, mas com a construção da citada hidrelétrica, os habitantes dobraram e chegou a totalizar cerca de 110 mil habitantes. Além dos operários, que eram 14 mil pessoas, toda essa grande massa de migrantes mobilizou

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

atividades informais na economia do município, como em áreas de alimentação, insumos domésticos.

Para a construção da hidrelétrica de Tucuruí o capital econômico trouxe grande fluxo populacional para a região amazônica, que ali se estabeleceu juntamente com a população desapropriada do local de origem, como os descendentes de índios e comunidades ribeirinhas. O que provocou no município baixíssimos níveis de qualidade de vida e perspectiva de futuro, índices elevados de pobreza, aumento exponencial de violência e a precarização dos serviços públicos essenciais, tanto de saúde, quanto de educação e de segurança e, principalmente, a redução da oferta de emprego com o fim das obras (CAVALCANTE, 2005).

O Nordeste hoje tem o segundo melhor quadro brasileiro na abertura de empresas filiais. Todavia, Santos (2006) aponta que a região Centro-Oeste vem intensificando a implantação de empresas filiais, ao contrário do Sudeste que acaba por ter uma queda no número de unidades empresariais. Segundo o autor, grande parte desse contingente de trabalhadores são pessoas de baixo nível técnico, pouca escolaridade e sem nenhuma qualificação. Visto que, no Brasil, o fluxo migratório se dá devido ao fator de sobrevivência em um mercado de trabalho segregador e instável.

Segundo Pádua (2008), em meados dos anos de 1950, ocorreu um fenômeno migratório em Goiás com a construção do Distrito Federal. Nesse período, houve um rápido crescimento populacional urbano e redução do contingente rural. Para Pavione (1985), os candangos, como eram chamados os construtores da capital do país, eram migrantes vindos de várias regiões brasileiras, comumente do Nordeste, Minas Gerais e Goiás. Esses trabalhadores provocaram o aparecimento das cidades satélites no entorno de Brasília, de forma desornada e sem planejamento, as quais abrigaram em torno de três milhões de habitantes. Apesar de que, tanto Distrito Federal quanto as regiões metropolitanas de Goiânia também acomodaram milhares de migrantes em busca de melhores condições de vida. Na atualidade, o fenômeno migratório de nordestinos para o Centro Oeste vem se intensificando, devido à expansão da agroindústria, que atrai mão de obra vinda de outros Estados, que oferecem menos oportunidades de emprego.

A região do Centro-Oeste brasileiro foi amplamente beneficiada pela marcha para o oeste, que trouxe progresso e direcionamento do fluxo de migrantes para as áreas que mais

cresciam economicamente. Cunha (2009) assevera que, esta região na década de 1960 sofreu um processo de mudança em sua base de produção, impulsionada pela ação estatal. Na década de 1970, a marcha modernizadora foi a principal responsável pelos fluxos migratórios para as regiões Norte e Centro-Oeste com ganhos populacionais, embora Goiás tenha mostrado certo arrefecimento, uma vez consolidada a expansão da fronteira agrícola para áreas do Norte (CUNHA, 2009). Esse fluxo migratório diminuiu apenas na década de 1980 pela falta de recursos para a expansão das fronteiras agrícolas e ao processo de modernização da agricultura.

Segundo Cunha (2009), nos anos 1980, observa-se o aumento da emigração na região Centro-Oeste, primeiramente ligado ao processo de ocupação e depois por causa da expansão das fronteiras agrícolas e inchaço dos grandes centros urbanos, provocando o crescimento dos Estados e suas microrregiões. Neste sentido, Mato Grosso e Rondônia se viram em alto crescimento demográfico e urbanização dinâmica e complexa, assim como Goiás, o entorno de Brasília e de Goiânia.

Na década de 1990, o Centro-Oeste e Brasília deixaram de serem áreas de atração para migrantes e se tornaram áreas de grande circulação de pessoas, visto o fenômeno de migração de retorno ser um alavancador dessa queda. Porém, Goiás e Tocantins apresentaram crescimento nesse período, assim como elevou seu saldo migratório, cujos migrantes eram em sua maioria nordestinos, a exemplo, os baianos, que se estabelecem na região metropolitana de Goiânia e entorno de Brasília (CUNHA, 2009).

Nas regiões Centro-Oeste e Norte o fluxo migratório foi baseado em projetos de assentamentos agrícolas, no período entre os anos de 1986/91 e 1991/96, em que Tocantins e Rondônia tiveram ocupação sumariamente de famílias (CUNHA 2009). Através da tabela 1 é possível notar como ocorreu o aumento da população devido à migração e ao crescimento vegetativo da população nos últimos tempos.

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO.*

TABELA 1
População total, taxa de crescimento médio e grau de urbanização
Região Centro-Oeste Ampliada – 1970-2000

Estados	População				Taxa de crescimento (% a.a.)			Grau de urbanização (%)			
	1970	1980	1991	2000	1970/80	1980/91	1991/2000	1970	1980	1991	2000
Distrito Federal	537,492	1,176,935	1,598,415	2,043,169	8,15	2,82	2,77	96	96,8	94,7	95,7
Goiás	2,414,325	3,125,354	4,012,562	4,994,897	2,61	2,3	2,46	45,9	67,5	80,8	87,9
Mato Grosso	598.879	1.134.230	2.022.524	2.498.150	6,59	5,4	2,37	38,8	57,7	73,3	79,4
Mato Grosso do Sul	998,211	1,393,019	1,778,741	2,075,275	3,39	2,25	1,73	45,3	66,8	79,4	84,1
Rondônia	111.064	491.069	1.130.874	1.377.792	16,03	7,88	2,22	53,6	46,5	58,2	64,1
Tocantins	516,447	743,750	920,116	1,155,251	3,71	1,95	2,56	24,8	40,1	57,7	74,3
Total	5,176,418	8,064,357	11,463,232	14,144,534	4,53	3,25	2,36	48,2	66,5	77,1	83,5

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970, 1980, 1991 e 2000. Tabulações especiais Nepo/Unicamp.

Nesse contexto, Cunha (2009) indica que o principal elemento para de atração de migrantes ao Centro-Oeste foi à expansão da fronteira agrícola. Foi neste processo que veio para a cidade de Pires do Rio (GO) a família Tomazini⁴, a qual é dona das indústrias Nutriza e Olvego e que têm empregado significativo número de migrantes trabalhadores nordestinos. Embora, na maioria dos Estados desta região e no Distrito Federal, os chefes de família tenham sido recolocados no mercado de trabalho como empregados autônomos (comércio, indústria e serviços) e em atividades ligadas ao setor agropecuário, além de que o grande número de mulheres jovens e adultas tenha sido encaminhado para o trabalho doméstico, no período 1986/91 e 1991/96.

Quando se analisa a renda e a educação dos migrantes no Centro-Oeste, verifica-se que devido à precarização das relações trabalhistas no Brasil e as características regionais não foi possível para eles sair do perfil de pobreza, como o que ocorreu no Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal, cujos migrantes apresentam um perfil socioeconômico mais elevado, maior qualidade de vida e melhores salários. (CUNHA, 2009).

A cidade de Pires do Rio (GO) representa um importante centro da indústria agropecuária em sua microrregião, contanto com as indústrias Olvego (produtora de óleo de soja) e Nutriza (beneficiadora de frangos). Estas empresas estabelecem negócios em escala nacional e internacional e tecem em seu entorno uma rede de produção, envolvendo granjas e plantações de soja e milho, atraindo um relativo contingente de trabalhadores com falsas

⁴ A família Tomazini é natural do interior de São Paulo, Município de Ipuã, veio para Goiás na década de 1980, e adquiriu terras no município de Ipameri-GO para o plantio de soja, milho, arroz.

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

promessas de melhor qualidade de vida. Ao chegar vivenciam outra realidade e, por consequência, buscam novas áreas com capital investido, reproduzindo à margem do sistema capitalista.

3 Vir, Permanecer e Retornar: os dilemas dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio

A mobilidade do trabalho é um dos elementos fundamentais do sistema produtivo capitalista. A busca por trabalho e melhores condições de vida conduzem milhares de migrantes para regiões com mercado de trabalho mais amplo e diversificado. Porém, como muitos têm nível educacional incompatível com as novas tecnologias empregadas nos setores da indústria e do comércio, vão à procura do eldorado imaginário, pautado em incertezas, se mobilizando de um lugar para outro, sem que se territorializem, vivendo em função da incessante busca pelo trabalho, onde o capital está sendo investido, a fim de exercerem atividades que não exigem mão de obra qualificada.

A cidade de Pires do Rio (GO), que nos últimos teve um aumento no número de residentes nordestinos atraídos por emprego nas agroindústrias locais, vive o fenômeno da migração destes trabalhadores para outros locais do país. Uma vez que reclamam da falta de empregos na principal agroindústria da cidade, a empresa Nutriza, a qual não tem postos de trabalho para oferecer aos novos migrantes.

Deste modo, atendendo ao objetivo desta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito trabalhadores migrantes nordestinos, com o propósito de entender melhor os motivos desta busca inalcançável por um eldorado, que muitas vezes é frustrado e não compatível com os interesses dos migrantes. Do total de entrevistados 80% são do sexo masculino e 20% do sexo feminino, destes 30% vieram da Bahia, 20% do Maranhão, 20% de Pernambuco e 10% do Ceará.

Em relação à motivação de sua mobilidade e desterritorialização, o entrevistado 1, que veio da cidade de Juazeiro do Norte (CE) e reside em Pires do Rio (GO), declara o seguinte:

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

Quando eu morava lá na zona rural de Juazeiro no estado do Ceará, trabalhava na roça e tinha uma jornada de trabalho bem dura. De manhã até quase noite cuidando de gado e plantação de feijão. Um amigo me chamou na época pra trabalhar no garimpo no Pará, ele falou que era bom pra ganhar dinheiro. Mas lá não consegui nem trabalhar aí então trabalhei de servente pra conseguir dinheiro e fui morar com parentes na cidade de Ceilândia, em Brasília. Fiquei por lá por uns três anos, trabalhei de garçom e de servente, foi quando fiquei sabendo que, em Pires do Rio, estava pegando gente pra trabalhar na empresa chamada Friato. Mas quando cheguei lá eles acabaram não me pegando, agora estou trabalhando pegando frango em uma granja até juntar um dinheiro pra voltar para Ceilândia (Entrevistada 1, Informação Verbal, Pires do Rio (GO), out. 2016).

A fala da informante acima explicita bem a questão da mobilidade e a metamorfose da força de trabalho nordestina pelo território nacional. Da zona rural de Juazeiro no Estado do Ceará onde lidava com as tarefas típicas do campo, o cuidar do gado e plantar e colher o feijão, migrou para áreas de garimpo no Estado do Pará na região Norte do país e, em seguida, para a cidade satélite de Ceilândia no Distrito Federal, no Centro-Oeste brasileiro, posteriormente, deixou Brasília e veio para Goiás, pois teve notícias que em Pires do Rio a empresa Friato S/A. estava contratando trabalhadores para trabalhar em seu frigorífico. Influenciado pela dinâmica de determinadas áreas, por notícias diversas, nem sempre verdadeiras, trabalhadores nordestinos chegaram à cidade de Pires do Rio, atraídos muitas vezes por “promessas” de trabalho, “bons salários” e melhores condições de vida, que nem sempre se concretizam. Deste modo, esses migrantes ficam se mobilizando em busca de locais, onde têm capital investido e, por isso, nem se territorializam e nem se apegam ao local.

A entrevistada 2, antiga moradora da cidade de Jacobina (BA) e residente na cidade de Pires do Rio (GO), conta como foi sua vinda para Pires do Rio (GO), a partir da mobilidade do trabalho e quais perspectivas tem para o futuro:

Eu morava nas imediações de Jacobina e trabalhava no comércio ambulante. Saí de lá com 18 anos pra trabalhar na cidade de São Carlos-SP, no comércio ambulante, vendendo cobertas e toalhas. Depois fui trabalhar colhendo hortaliças em fazendas do interior. Com parentes fiquei sabendo que aqui em Goiás era bom de serviço, foi quando vim pra cá. Primeiro fui trabalhar na Friato, mas o salário era pouco, por isso saí e agora no fim do ano vou ir trabalhar de novo em São Paulo com alguns amigos pra juntar um dinheiro e comprar uma casa em Jacobina. (Entrevistada 2, Informação Verbal, Pires do Rio (GO), out. 2016).

O trabalho informal é uma das profissões mais relatadas pelos migrantes nordestinos entrevistados, mostrando como o trabalhador sem ou com pouca escolaridade e

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

escassos recursos financeiros não consegue ingressar nos moldes produtivos do capital. Jacobina é uma cidade do Estado da Bahia, neste relato, chama atenção a pouca idade, 18 anos, deixa familiares, amigos, para pôr-se a numa saga perambulante em busca de emprego. O sonho quase sempre negado de melhorar a vida parece estar sempre longe de casa, noutra estado, noutra região; da Bahia para o interior de São Paulo onde foi camelô e “boa fria”, até alcançar Goiás, porque aqui é “bom de serviço”, ou seja, é “fácil” colocar-se no mercado formal de trabalho. Quando se depara com a realidade dura e fria dos fatos, os poucos salários pagos pela Friato em Pires do Rio vislumbra pôr-se novamente em movimento e retornar a São Paulo. No entanto, o desejo profundo de retornar a terra natal é latente, mas projeta-se retornar como “vencedor”, ou seja, “juntar um dinheiro e comprar uma casa” na terra que deixou aos 18 anos de idade.

Os entrevistados 3 e 4 contam os motivos da saída de suas cidades de origem, os locais por onde trabalharam e vão permanecer na cidade de Pires do Rio (GO):

Lá em Barreiras eu vivia com minha mãe e meu irmão; meu pai faleceu com nós pequenos. Lá era difícil de conseguir emprego, por isso, quando completei 17 anos fui morar com minha tia e trabalhar de diarista na casa de uma comerciante na cidade de Franca, em São Paulo. Fiquei lá por dois anos, mas quando engravidei de um namorado, acabei largando o emprego para cuidar de casa. Meu marido ficou desempregado e com dificuldade de arrumar emprego nós fomos morar em Uberlândia. Meu marido foi para a construção civil e eu fiquei em casa com meu filho. Ficamos lá por seis meses e fomos para Ipameri. Foi quando fiquei sabendo que a empresa Friato estava contratando. Fiz minha ficha e entrei. Vim morar aqui em Pires do Rio com meu marido e vamos ficar por um tempo (Entrevistada 3, Informação Verbal, Pires do Rio (GO), out. 2016).

Antes de eu sair lá de Codó-MA, eu trabalhava em fazendas de criação de gado, mas a partir de amigos fui pra São Luís-MA em busca de melhores condições de vida, mas não arranjei emprego. Então fui morar em Goiânia-GO com um amigo do meu irmão e acabei vindo pra Pires do Rio pra trabalhar em uma obra. Estou aqui há dois anos. Estou trabalhando na empresa Friato e vou continuar morando na cidade (Entrevistado 4, Informação Verbal, Pires do Rio (GO), out. 2016).

A partir da terceira entrevista, observamos como a inserção da mulher migrante, pobre e pouco qualificada, no mercado de trabalho brasileiro é difícil, pois quase sempre trabalham com baixa remuneração, como empregadas domésticas e diaristas, além disso, historicamente, a remuneração do trabalho feminino mulher sempre foi inferior ao do trabalhado do sexo masculino, mesmo exercendo as mesmas funções e/ou cargos, soma-se a isto, a dupla jornada de trabalho da mulher, ou seja, fora e dentro de casa. Funções que, por

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

causa da informalidade, ficam longe do sistema produtivo capitalista e segrega a migrante a uma vida de pobreza e pouca qualidade de vida, uma vez que a escolarização é colocada de lado. Da Bahia migrou para o interior de São Paulo, de lá para Uberlândia em Minas Gerais; depois veio para Ipameri-GO, até instalar-se em Pires do Rio, Goiás, ou seja, do Nordeste, para o Sudeste, e posteriormente para o Centro-Oeste brasileiro, as histórias vão se repetindo, cada uma com um drama específico, ora está empregado, ora o desemprego bate a porta, então se muda daqui pra ali, de lá pra cá, ou seja, é a própria expressão da mobilidade do trabalho.

Na quarta entrevista os motivos de saída da cidade natal são os mesmos dos outros migrantes: falta de perspectiva e de futuro nas regiões de origem, que os fazem procurar áreas com concentração de capital. Todavia, sem nenhuma ou pouca qualificação e escolarização precária são conduzidos a exercer atividades com baixa remuneração e informais.

Os entrevistados 5 e 6, antigos moradores de Imperatriz (MA) e Araripina (PE), residentes de Pires do Rio (GO), explicam quais as razões de sua vinda para a mencionada cidade e se irá permanecer ou retornar para suas cidades de origem.

Meu irmão que mora aqui em Pires do Rio trabalhando de pedreiro, ligou me chamando pra mudar pra cá. Na época eu morava em Imperatriz no Maranhão mas fui pra Brasília morar com meu pai. Fiquei lá cinco anos e trabalhava de empregada doméstica e depois de vendedora. Como não dava certo morar com meu pai, vim morar com meu irmão e trabalhar na empresa Friato. Mas não consegui emprego, agora estou pensando em voltar pra Brasília no final do ano. Aqui está difícil de arrumar emprego. (Entrevistada 5, Informação Verbal, Pires do Rio (GO), out. 2016).

Minha vida em Araripina-PE era bastante difícil. Morava com minha mãe e meus irmãos num sítio, meu pai morava em São Paulo. Com vinte anos fui morar com ele pra trabalhar. Fiquei cinco anos lá mas não conseguia emprego. Então arrumei emprego de vendedor e fiquei de cidade em cidade vendendo redes e cobertores até que cheguei em Pires do Rio e estou aqui há seis meses. Agora estou trabalhando na empresa Friato mas não penso em ficar. Vou voltar para São Paulo no ano que vem para trabalhar no comércio (Entrevistado 6, Informação Verbal, Pires do Rio (GO), out. 2016).

Naturais dos Estados nordestinos de Maranhão e Pernambuco, eles relataram as dificuldades de conseguir emprego e permanecer, pois tinham como perspectiva a busca pelo “eldorado” metáfora utilizada neste trabalho para designar a busca do trabalhador nordestino por melhores condições de vida e trabalho que sempre parece estar longe, o qual é repleto de

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

ilusões e incertezas. Por isso, não conseguem se territorializar e vivem na busca constante por um lugar no sistema produtivo capitalista.

Os entrevistados 7 e 8, ambos moradores de Pires do Rio (GO) e antigos residentes de Feira de Santana (BA) e de Garanhuns (PE), narram como vieram para a cidade e se irão ou não permanecer no local.

Com 20 anos sai de Feira de Santana, trabalhando em uma empresa especializada em isolantes térmicos de frigoríficos. Viajei por várias cidades, principalmente do estado de São Paulo, onde acabei por saber daqui de Pires do Rio, onde tinha um frigorífico de aves em obras. Acabei vindo pra cá, mandado pela empresa. Trabalhei seis meses na obra e voltei pra São Paulo, onde perdi o emprego. Mas voltei aqui para Pires do Rio e estou trabalhando na manutenção na empresa Friato. Vou ficar por pouco tempo e ver se consigo emprego em outra firma. (Entrevistado 7, Informação Verbal, Pires do Rio (GO), out. 2016).

Minha cidade de origem é em Garanhuns, e sai de lá com dezessete anos para trabalhar no Rio de Janeiro, na cidade de Campos de Goitacazes em obras de uma empresa de construção civil. De lá fui para várias cidades de Minas Gerais, mas sai da empresa, quando me desentendi com um amigo de trabalho em uma obra em Montes Claros. De lá fui para várias cidades em busca de emprego. Aqui em Pires do Rio estou trabalhando já faz um ano e seis meses, mas daqui uns tempo vou voltar para Garanhuns. (Entrevistado 8, Informação Verbal, Pires do Rio (GO), out. 2016).

Tanto na sétima quanto na oitava entrevista, percebemos como a mobilidade pode mudar até os fatores sociolinguísticos e culturais dos migrantes, pois foi notável que a fala dos entrevistados não tinha os aspectos da linguagem característica dos moradores da região Nordeste do Brasil. Os entrevistados perderam o sotaque e até falavam gírias provenientes da região Sudeste para designar pessoas e para expressar seus hábitos rotineiros.

Pelas entrevistas constata-se como o ingresso em uma empresa pode influenciar na mobilidade dos migrantes, sua permanência ou a busca por trabalho. Ao mesmo tempo gerar incertezas e esforços por ideais muitas vezes inalcançáveis de dinheiro e melhores condições de vida. Quando não conseguem realizar seus objetivos, o migrante vive novamente o processo de tentativa de mudança em outros locais com capital investido.

Ao término das entrevistas é perceptível que a mobilidade do trabalho influencia na vida dos migrantes trabalhadores nordestinos que procuram a cidade Pires do Rio (GO) em busca de emprego. Entretanto, vendo que a realidade é outra, migram para outras cidades e

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

outros Estados, em que existam mais ofertas de empregos e melhores condições de vida, sempre com o pensamento de retornar para suas cidades de origem.

Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa, a partir do contato com os trabalhadores migrantes nordestinos, pudemos compreender melhor as angústias, o sofrimento, os dilemas que perpassam a vida destes trabalhadores sempre dispostos a migrar, sempre em movimento, apenas paradas pontuais, umas mais demoradas outras nem tanto que, na maioria das vezes, mostram como a mobilidade está associada à busca por mais qualidade de vida e a uma necessidade de crescimento financeiro e pessoal.

Nessa perspectiva, ao final da aplicação das entrevistas com os migrantes nordestinos em Pires do Rio, foi possível apontar os reais motivos de sua saída de seus locais de origem, já que, na maioria dos relatos, podemos identificar como sendo de causas econômica, pois a busca por trabalho quase sempre aparece como o principal motivo para a entrada do migrante nordestino na estrada em busca de se adequar ao fluxo do capital e, conseqüentemente, a virem para Pires do Rio, e como a migração afeta os laços sociais do migrante tendo em vista que, ao longo das entrevistas, os migrantes relatam o seu desejo de voltar a sua cidade de origem e restabelecer seus laços familiares e criarem raízes, já que muitos almejam comprar moradias e se restabelecer definitivamente.

Por outro lado, é importante observar que muitos dos migrantes estão desempregados ou trabalham nas agroindústrias locais que são, ora, por uns, alvo de críticas sociais pelas más condições de trabalho, ora, por outros menos favorecidos, apontadas como um local de prosperidade e de qualidade que, ao longo das entrevistas, pode ser bem evidenciado já que a maioria dos migrantes vindos a Pires do Rio foi chamada por amigos e familiares, relatando um local de dinheiro fácil e de boas oportunidades de emprego. Essa idealização reafirma mais uma vez a grande e perversa desigualdade regional vivenciada no Brasil contemporâneo, que alimenta a migração de nordestinos sem perspectivas para a cidade de Pires do Rio, onde o migrante se depara com outra realidade e, conseqüentemente, volta a buscar por outras cidades para residirem em um perverso ciclo móbil e sem perspectivas de futuro.

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ernesto Friedrich de Lima. Caracterização de migrantes em Goiás e Distrito Federal: 1980-2000. *Terra e Sociedade*. Nº 17. Julho-dezembro de 2009.

CAVALCANTE, Flavia da Costa. O processo migratório na Amazônia vinculada à mobilidade pelo trabalho. O Caso Tucuruí. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, 2005*.

CANO, Wilson. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1970*. Unesp, 2007.

FARIA, Vilmar Evangelista. *Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: a experiência brasileira dos últimos trinta anos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Migração no Centro-Oeste Brasileiro: as tendências e características do período 1986/96. *Núcleo de Estudos de População, 2009*.

DE GAUDEMAR, Jean-Paul; QUINTELA, Maria do Rosário. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa, 1977.

GEMELLI, Diane D.; CARVALHAL, Marcelo D. *Mobilidade territorial do trabalho: expressão da formação do trabalhador para o capital e elemento estratégico da expansão do frigorífico de aves da Copagril*. Marechal Cândido Rondon/PR, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio (Org). *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

HAESBAERT, R. Migração e desterritorialização. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Org.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Região, diversidade territorial e globalização. *Geographia*, v. 1, n. 1, p. 15-39, 2009.

LESSA, Sérgio. *Trabalho e Proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.

MARANDOLA JR, Eduardo; GALLO, Priscila Marchiori Dal. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira de Estudos de População, 2010*.

BARBOSA, Fábio de Macedo Tristão; AVELAR, Gilmar Alves de; SANTOS, Paulo Vitor Divino dos. *Os dilemas do vir, permanecer, retornar: uma leitura dos trabalhadores nordestinos em Pires do Rio-GO*.

PÁDUA, Andreia Aparecida Silva. *Migração, expansão demográfica e desenvolvimento econômico em Goiás*. 113f. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial). Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007

SANTOS, Ariovaldo. *Migração e força de trabalho*. Londrina: UEL, 2006.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In. SANTOS, M., SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

TERRA, Ademir. Evolução histórica da categoria geográfica território e a sua atual multiplicidade interpretativa. *Caderno Prudentino de Geografia*, n. 31, vol.1, 2009.

Recebido em 07/06/2017

Aprovado em 28/06/2017